REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

DISCURSOS SOBRE O CORPO E INTERSECCIONALIDADE NO 5º EPISÓDIO DA SÉRIE SEGUNDA CHAMADA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

DISCOURSES ON THE BODY AND INTERSECTIONALITY IN THE 5TH EPISODE OF THE SERIES SEGUNDA CHAMADA: PERCEPTIONS OF YOUTH AND ADULT EDUCATION STUDENTS

DISCURSOS SOBRE EL CUERPO E INTERSECCIONALIDAD EN EL 5º EPISODIO DE LA SERIE SEGUNDA CHAMADA: PERCEPCIONES DE ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS

Giovanni Rafael Romano Valladão
Doutor em Educação pelo ProPEd/UERJ, tutor da especialização em Educação de Jovens e Adultos da UNESP, Brasil
E-mail: rafaelromano1987@hotmail.com

Valquíria Velasco
Doutora em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ, professora da disciplina História Geral da UFRRJ, Brasil
E-mail: dravalvelasco@gmail.com

Thais Vianna Maia
Doutora em Educação pelo ProPEd/UERJ, professora do CAp-UERJ, Brasil
E-mail: thaisviannamaia@gmail.com

Romulo Caccavo
Mestre em Projetos Sociais pela FGV, professor de Educação Física da Prefeitura Municipal de Mangaratiba e SEEDUC-RJ, Brasil
E-mail: romulocaccavo@hotmail.com

Mauricio Fidelis
Mestrando em Ciências da Atividade Física pelo PPGCAF/UNIVERSO, professor da graduação de Educação Física da UCB/RJ, Brasil
E-mail: mauricio.moreira@castelobranco.br

Resumo

Este artigo analisa os discursos de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre corpo, gênero, autonomia e violência, a partir do quinto episódio da série “Segunda Chamada”. As narrativas centrais envolvem Dona Jurema (mulher idosa que enfrenta o marido para estudar), Rita (jovem que morre ao realizar aborto clandestino) e Márcia (mãe que sofre preconceito ao amamentar em público). A pesquisa, de abordagem qualitativa e inspiração crítica, foi realizada em uma escola pública de Belford Roxo (RJ) com 14 estudantes de 7º e 9º anos da EJA, organizados em quatro grupos de discussão. Os dados foram produzidos por meio de exibição do episódio, elaboração de textos dissertativos coletivos, debates orais e registro em diário de campo. A análise fundamentou-se na Análise Crítica do Discurso (Fairclough), nos conceitos de corpo dócil (Foucault) e corpo marginal

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

(Medina), e na interseccionalidade (Fonseca). Os resultados indicam que os discursos dos estudantes oscilam entre a reprodução de valores hegemônicos – como a condenação moral do aborto e a naturalização da maternidade – e posicionamentos contra-hegemônicos, especialmente quando mobilizadas experiências pessoais, como o relato de uma aluna de 77 anos que perdeu uma neta por aborto clandestino e de outra que se identificou com Dona Jurema. Conclui-se que a EJA, ao assumir uma postura crítica e dialógica com produtos culturais, pode se constituir como espaço de escuta, acolhimento e resistência de corpos marginalizados.
Palavras-chave: EJA; corpo; escola.

Abstract

This article analyzes the discourses of Youth and Adult Education (YAE) students about body, gender, autonomy, and violence, based on the fifth episode of the series "Segunda Chamada" ("Second Call"). The central narratives involve Dona Jurema (an elderly woman who faces her husband to study), Rita (a young woman who dies after undergoing a clandestine abortion), and Márcia (a mother who suffers prejudice when breastfeeding in public). The research, qualitative and critically oriented, was carried out in a public school in Belford Roxo (RJ, Brazil) with 14 YAE students from 7th and 9th grades, organized into four discussion groups. Data were produced through episode screening, collective essay writing, oral debates, and field diary records. The analysis was based on Critical Discourse Analysis (Fairclough), the concepts of docile body (Foucault) and marginal body (Medina), and intersectionality (Fonseca). The results indicate that students' discourses oscillate between the reproduction of hegemonic values – such as the moral condemnation of abortion and the naturalization of motherhood – and counter-hegemonic positions, especially when personal experiences are mobilized, such as the account of a 77-year-old student who lost a granddaughter to a clandestine abortion and another who identified with Dona Jurema. It is concluded that YAE, by adopting a critical and dialogical stance with cultural products, can become a space for listening, welcoming, and resistance for marginalized bodies.
Keywords: EJA; body; school.

Resumen

Este artículo analiza los discursos de estudiantes de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) sobre cuerpo, género, autonomía y violencia, a partir del quinto episodio de la serie "Segunda Chamada". Las narrativas centrales involucran a Dona Jurema (una mujer mayor que enfrenta a su marido para estudiar), Rita (una joven que muere al realizar un aborto clandestino) y Márcia (una madre que sufre prejuicio al amamantar en público). La investigación, de enfoque cualitativo y orientación crítica, se realizó en una escuela pública de Belford Roxo (RJ, Brasil) con 14 estudiantes de 7º y 9º año de la EJA, organizados en cuatro grupos de discusión. Los datos se produjeron mediante la exhibición del episodio, la elaboración de textos disertativos colectivos, debates orales y registro en diario de campo. El análisis se fundamentó en el Análisis Crítico del Discurso (Fairclough), los conceptos de cuerpo dócil (Foucault) y cuerpo marginal (Medina), y la interseccionalidad (Fonseca). Los resultados indican que los discursos de los estudiantes oscilan entre la reproducción de valores hegemónicos – como la condena moral del aborto y la naturalización de la maternidad – y posicionamientos contrahegemónicos, especialmente cuando se movilizan experiencias personales, como el relato de una alumna de 77 años que perdió a una nieta por aborto clandestino y otra que se identificó con Dona Jurema. Se concluye que la EJA, al asumir una postura crítica y dialógica con productos culturales, puede constituirse como espacio de escucha, acogida y resistencia para los cuerpos marginados.
Palabras clave: EJA; cuerpo; escuela

1. Introdução

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

A série brasileira “Segunda Chamada”[1], ambientada em uma escola pública de Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem se destacado por retratar de forma sensível e contundente as múltiplas violências e exclusões que atravessam os corpos de seus personagens – mulheres, idosos, pobres, periféricos, LGBTQIAP+[2].

No quinto episódio da primeira temporada, três narrativas se entrelaçam: a de Dona Jurema, estudante idosa que precisa esconder do marido sua decisão de estudar; a de Rita, jovem mãe que morre ao realizar um aborto clandestino; e a de Márcia, mãe que amamenta seu bebê na escola e sofre preconceito. Essas histórias, ficcionais mas profundamente ancoradas em realidades sociais concretas, oferecem um rico material para investigar como sujeitos da EJA – eles próprios frequentemente marcados por trajetórias de exclusão – produzem sentidos sobre corpo, gênero, autonomia, direitos e violência.

A pesquisa aqui apresentada teve como tema central a análise dos discursos de estudantes da EJA acerca das situações vivenciadas pelas três personagens. O problema que orientou o estudo pode ser assim formulado: como estudantes da EJA, em suas condições concretas de existência (marcadas por idade avançada, trabalho precário, maternidade, ausência de escolaridade na infância, entre outros fatores), interpretam e reagem a narrativas que envolvem violência de gênero, criminalização do aborto, preconceito contra a amamentação em público e resistência feminina? Partiu-se da hipótese de que os discursos dos estudantes oscilariam entre a reprodução de valores hegemônicos (como a moral religiosa e a criminalização da mulher pobre) e a emergência de posicionamentos contra-hegemônicos, especialmente quando os temas mobilizavam experiências pessoais ou afetivas. Hipóteses complementares incluíam: (a) a personagem Dona Jurema seria mais facilmente acolhida e defendida, por representar uma luta “nobre” (o direito ao estudo na velhice); (b) a personagem Rita geraria maior polêmica, com discursos que oscilariam entre a condenação moral (aborto como crime) e a compreensão da falta de condições materiais; (c) a personagem Márcia provocaria um debate sobre o corpo feminino no espaço público, com possíveis ambiguidades entre o discurso de direito e o preconceito naturalizado. O objetivo geral da pesquisa foi compreender os sentidos produzidos por estudantes da EJA sobre corpo, gênero, autonomia e violência a partir do quinto episódio de “Segunda Chamada”. Como objetivos específicos, buscou-se: identificar os discursos mobilizados pelos estudantes ao comentarem cada personagem; analisar as contradições e os silêncios presentes nesses discursos; e relacionar as falas dos participantes com suas próprias trajetórias de exclusão e resistência, registradas em diário de campo.

A justificativa para a realização deste estudo reside em três frentes. Primeiro, a escassez de pesquisas que, no campo da Educação Física e das Ciências Humanas, tomem produtos da cultura audiovisual – como séries televisivas – como disparadores de discussão sobre corpo e gênero com sujeitos da EJA,

[1] Disponível em: https://globoplay.globo.com/segunda-chamada/t/DYpvss7pz5/

[2] LGBTQIAPN+ é uma sigla atribuída a pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexos, Assexuais/Arromânticas/Agêneros, Pansexuais/Polisexuais, Não-binárias e mais.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

especialmente em contextos de periferia urbana. Segundo, a relevância social de se dar voz a esses sujeitos, cujas experiências de corpo marginal (Medina, 1987) são frequentemente silenciadas tanto nos currículos escolares quanto nas pesquisas acadêmicas. Terceiro, a potência do dispositivo pedagógico aqui utilizado – exibição de episódio seguida de produção textual coletiva e debate – como ferramenta de escuta e de problematização de temas tabus (aborto, violência doméstica, amamentação em público) que raramente encontram espaço de expressão na escola regular.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa alinhou-se a uma abordagem qualitativa de inspiração crítica. O referencial teórico mobilizou os conceitos de corpo dócil (Foucault, 1977), corpo marginal (Medina, 1987) e Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001, 2003), além das contribuições do Movimento Renovador da Educação Física e da noção de cultura corporal (Bracht, 1989; Soares *et al*., 1992). A técnica de produção de dados consistiu na exibição do episódio para duas turmas da EJA (7º e 9º anos) de uma escola pública de Belford Roxo (RJ), seguida da elaboração de textos dissertativos em grupos e de debates orais, com registro em diário de campo. O corpus foi composto pelos textos dos grupos e pelas falas espontâneas dos estudantes, analisados à luz da ACD.

2. Revisão da Literatura

Para analisar os discursos produzidos por estudantes da EJA acerca das situações vividas pelas personagens Dona Jurema, Rita e Márcia, parte-se do entendimento de que o corpo não pode ser reduzido a uma dimensão meramente biológica ou anatômica. Pelo contrário, ele é tomado como construção histórica, social e cultural, resultado de processos de significação que variam conforme as relações de poder, os contextos econômicos e as disputas ideológicas de cada época.

No campo da Educação Física e das Ciências Humanas, essa compreensão ganhou força a partir do final da década de 1970 e início dos anos 1980, quando se consolidou um movimento de crítica ao dualismo cartesiano que, desde o século XVII, separava radicalmente corpo e mente, concebendo o corpo como uma "máquina" desprovida de sentido simbólico (Descartes, 1637). Essa tradição mecanicista, ao ser importada para o Brasil, orientou as práticas corporais especialmente durante o regime militar, quando a Educação Física foi reduzida ao adestramento físico, à aptidão e ao disciplinamento dos corpos, com o objetivo explícito de produzir trabalhadores produtivos e cidadãos obedientes (Castellani Filho, 1988; Bracht, 1986).

A superação dessa visão reducionista foi impulsionada pelo Movimento Renovador da Educação Física, que, no bojo da redemocratização do país, passou a defender uma abordagem crítico-superadora das práticas corporais. Nesse contexto, a noção de cultura corporal ganhou centralidade, sobretudo a partir das obras de Bracht (1989) e do Coletivo de Autores (Soares *et al*., 1992).

Para essa perspectiva, o corpo é entendido como produtor e produto de significações sociais, históricas e políticas. As manifestações da cultura corporal – jogos, danças, esportes, ginásticas, lutas – não são meros repertórios motores, mas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

expressam modos de vida, valores, contradições e relações de poder. A tarefa da Educação Física escolar, portanto, não se limita a ensinar técnicas ou a promover saúde, mas a oferecer instrumentos para que os estudantes compreendam criticamente o lugar que as práticas corporais ocupam na sociedade de classes e possam delas se apropriar de forma autônoma e transformadora (Soares *et al*., 1992; Taffarel; Escobar, 2009).

Nesse sentido, para dar conta das situações de controle, violência e exclusão vivenciadas pelas personagens femininas, recorre-se ao conceito foucaultiano de corpo dócil (Foucault, 1977). Foucault demonstra como, a partir do século XVII, instituições disciplinares – como o exército, a escola, o hospital e a prisão – desenvolveram técnicas minuciosas de adestramento corporal. A disciplina não se limita a reprimir; ela fabrica corpos úteis e obedientes, que se prestam a determinadas funções econômicas e políticas. No episódio analisado, Dona Jurema sofre vigilância e violência simbólica por parte do marido, que tenta controlar seus deslocamentos e sua decisão de estudar. Rita tem seu corpo gestante criminalizado e abandonado à clandestinidade, revelando a ausência de políticas públicas de saúde reprodutiva. Márcia, ao amamentar em público, vê seu corpo materno transformado em objeto de repulsa e censura, mostrando como o espaço escolar ainda é território de disputa sobre o que é ou não aceitável para os corpos femininos.

Em diálogo com Foucault, Medina (1987), em sua análise da sociedade capitalista, propõe o conceito de corpo marginal, segundo o qual os corpos que não se enquadram nos padrões dominantes de utilidade produtiva, beleza, moralidade ou comportamento são relegados a posições de invisibilidade, exclusão e sofrimento. São corpos de mulheres, idosos, trabalhadores precarizados, jovens periféricos, pessoas LGBTQIAP+ – corpos que vivem à margem dos benefícios materiais e simbólicos gerados pelo sistema. Medina (1987) defende que a Educação Física e as práticas pedagógicas, se quiserem contribuir para a emancipação, precisam voltar-se para esses corpos marginais, não para integrá-los acriticamente à ordem, mas para amplificar suas vozes e suas lutas. Essa perspectiva se articula com a noção gramsciana de contra-hegemonia, uma vez que os corpos marginais podem, a partir de processos educativos críticos, tornar-se sujeitos de sua própria história (Gramsci, 2001).

Para além da condição de marginalidade, as experiências das personagens e dos próprios estudantes da EJA evidenciam que corpos são atravessados simultaneamente por múltiplos marcadores sociais da diferença – idade, gênero, classe, raça, deficiência, territorialidade – que não atuam de forma isolada, mas sim em interseção. Conforme Fonseca (2024), a inclusão deve ser compreendida em sentido amplo, dialético, processual e infindável, abarcando não apenas a deficiência, mas também gênero, sexualidade, racialidade, classe social, geração, dentre outros marcadores. A autora propõe a interseccionalidade como ferramenta analítica para investigar como essas categorias se inter-relacionam e moldam as experiências individuais e as relações sociais (Collins; Bilge, 2021 *apud* Fonseca, 2024). No contexto da Educação Física escolar, tal perspectiva permite visibilizar corpos historicamente subalternizados – como a mulher idosa que retoma os estudos, a jovem que aborta na clandestinidade, a mãe que amamenta em público – sem reduzi-los a uma única identidade ou opressão. Assim, a interseccionalidade se

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

articula com a noção gramsciana de contra-hegemonia, na medida em que denuncia as estruturas que produzem exclusões simultâneas e aponta para a construção de práticas pedagógicas mais justas e acolhedoras das diferenças.

Além desses aportes, a análise se fundamenta na Análise Crítica do Discurso (ACD) proposta por Norman Fairclough (2001, 2003). A ACD compreende o discurso como prática social, ou seja, como modo de ação, representação e identificação que está dialeticamente articulado com as estruturas materiais e as relações de poder. Os discursos não são neutros: eles refletem, naturalizam ou contestam hegemonias, ideologias e desigualdades. No caso do corpus analisado, os textos e as falas dos estudantes mobilizam, muitas vezes contraditoriamente, discursos jurídicos, religiosos, morais, de direitos humanos e de gênero. A tarefa da análise, portanto, não é apenas descrever o que dizem os sujeitos, mas interpretar como esses dizeres se inserem em ordens de discurso mais amplas, que silenciam determinadas experiências (como a do aborto clandestino) enquanto legitimam outras (como a criminalização da mulher pobre).

3. Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que busca compreender os sentidos produzidos por estudantes da EJA acerca de temas relacionados a gênero, autonomia feminina, maternidade, envelhecimento, escolarização tardia e aborto, tomando como referência o quinto episódio da primeira temporada da série “Segunda Chamada”.

O estudo foi desenvolvido em uma escola pública municipal localizada em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro, durante o mês de março de 2026. Participaram da pesquisa estudantes matriculados nas turmas de 7º e 9º anos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno da noite. Ao todo, foram constituídos quatro grupos de discussão, totalizando 14 participantes, com idades entre 16 e 77 anos, todos residentes no município de Belford Roxo. O Grupo 1 (9º ano) era composto por três mulheres com idades entre 44 e 58 anos. O Grupo 2 (7º ano) reuniu quatro mulheres com idades entre 61 e 77 anos. O Grupo 3 (9º ano) foi formado por dois homens e duas mulheres, com idades entre 16 e 17 anos. O Grupo 4 (7º ano) reuniu três mulheres com idades entre 17 e 61 anos. Além da produção textual coletiva, duas participantes, uma aluna de 77 anos e uma aluna de 61 anos, relataram espontaneamente experiências pessoais relacionadas às temáticas do episódio, registradas em diário de campo.

A produção dos dados ocorreu em duas etapas. Na primeira semana, durante dois tempos de aula de cinquenta minutos, foi exibido aos estudantes o quinto episódio da primeira temporada da série “Segunda Chamada”, produção audiovisual brasileira ambientada em uma escola pública de EJA. O episódio apresenta três narrativas centrais.

A primeira delas acompanha Dona Jurema, estudante idosa que retorna aos estudos após décadas de afastamento da escola. Para frequentar as aulas, ela esconde do marido sua matrícula na EJA, enfrentando situações de controle e violência simbólica. Ao final do episódio, após ser confrontada pelo companheiro, decide romper com a relação e permanecer estudando.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

A segunda narrativa centra-se em Rita, jovem estudante que, diante de uma gravidez indesejada e da ausência de condições materiais para criar outra criança, recorre a métodos clandestinos de interrupção da gestação. Em decorrência das complicações do procedimento, é hospitalizada e morre ao final do episódio.

Por fim, a terceira história acompanha Márcia, estudante e mãe de um bebê, que sofre preconceitos ao amamentar seu filho na escola, desencadeando discussões sobre maternidade, direitos das mulheres e permanência feminina nos espaços públicos.

Na semana seguinte à exibição do episódio, o professor de Educação Física da turma, um dos autores deste estudo, organizou os estudantes em grupos de até quatro integrantes. Cada grupo recebeu a tarefa de discutir coletivamente o episódio assistido e elaborar um texto dissertativo de aproximadamente vinte linhas respondendo, de forma integrada, às seguintes questões: (a) o que a decisão final de Dona Jurema representa para sua vida; (b) se Rita tivesse sobrevivido, ela mereceria ser presa por ter realizado um aborto; (c) se Márcia deveria ter o direito de amamentar seu filho em público ou na sala de aula; e (d) como reagiriam diante das situações vividas por Dona Jurema, Rita e Márcia caso fossem colegas de turma.

Após a produção dos textos, os grupos apresentaram suas reflexões oralmente para os demais colegas. Os trinta minutos finais de cada aula foram destinados às apresentações e ao debate coletivo entre os estudantes. Além dos textos produzidos pelos grupos, foram registradas em diário de campo observações realizadas pelo professor-pesquisador durante as discussões, especialmente intervenções espontâneas dos participantes que revelaram experiências pessoais relacionadas aos temas debatidos.

O corpus da pesquisa foi constituído pelos textos produzidos pelos grupos e pelos registros das falas espontâneas ocorridas durante os debates. Os dados foram analisados à luz da ACD, proposta por Norman Fairclough (2001, 2003), compreendendo o discurso como prática social e como espaço de produção, reprodução e contestação de relações de poder. Nessa perspectiva, buscou-se identificar não apenas os posicionamentos expressos pelos estudantes, mas também os discursos sociais mobilizados na construção desses posicionamentos.

Por questões éticas, o nome da instituição de ensino e a identidade dos estudantes participantes foram preservados ao longo de todo o processo de pesquisa, sendo utilizados apenas excertos dos textos e falas considerados relevantes para a análise, sem qualquer elemento que possibilite a identificação dos sujeitos envolvidos.

A análise foi realizada considerando a articulação entre texto, prática discursiva e prática social, categorias centrais do modelo tridimensional proposto por Fairclough. Tal procedimento permitiu compreender como os participantes mobilizaram discursos jurídicos, religiosos, morais, educacionais e de direitos humanos para interpretar as situações apresentadas na narrativa audiovisual.

Como suporte teórico complementar, mobilizou-se o conceito foucaultiano de corpos dóceis, entendido como resultado de processos históricos de disciplinamento e normalização que buscam produzir sujeitos conformados às expectativas sociais dominantes (Foucault, 1977). Em diálogo com essa perspectiva, recorreu-se também ao conceito de corpos marginais desenvolvido por Medina (1987), compreendendo

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

que determinados sujeitos, práticas e experiências corporais são frequentemente deslocados para posições de invisibilidade, exclusão ou subalternidade.

A partir da interlocução entre o referencial teórico adotado e os dados produzidos pelos estudantes, foram construídas quatro categorias analíticas. A primeira, “Corpos disciplinados e resistência feminina”, concentra-se nas discussões relacionadas à personagem Dona Jurema, buscando compreender como os estudantes interpretam os mecanismos de controle exercidos sobre o corpo feminino e as formas de resistência construídas diante dessas tentativas de disciplinamento. A segunda categoria, “Corpos criminalizados e moralizados”, volta-se para os discursos produzidos acerca da personagem Rita, analisando as disputas de sentido envolvendo aborto, criminalização, responsabilidade individual, religião, moralidade e direitos reprodutivos. A terceira categoria, “Corpos maternos e disputas por visibilidade social”, dedica-se às interpretações dos estudantes sobre a personagem Márcia, focalizando as tensões entre maternidade, amamentação, espaço público e reconhecimento social do corpo feminino. Por fim, a categoria “Corpos marginais e experiências de exclusão na EJA” busca compreender como as trajetórias das personagens e as narrativas dos próprios estudantes revelam processos de marginalização, silenciamento e exclusão social, bem como as possibilidades de pertencimento e emancipação construídas no contexto da EJA.

4. Resultados e Discussão

4.1 Corpos disciplinados e resistência feminina: Dona Jurema

> *“Representa a luta contra o preconceito machista, contra mulheres que querem vencer preconceito e conquistar seus estudos”* (Grupo do 9º ano)

A trajetória de Dona Jurema provocou nos grupos posicionamentos majoritariamente favoráveis à sua decisão de romper com o marido e permanecer estudando. O Grupo do 9º ano (idades entre 44 e 58 anos) afirmou que a personagem *“representa a luta contra o preconceito machista, contra mulheres que querem vencer preconceito e conquistar seus estudos”*. O Grupo do 7º ano (idades entre 61 e 77 anos) classificou sua atitude como *“um ato de liberdade que ela decidia impor do que queria para sua vida sem ligar para a opinião do seu marido”*. O Grupo do 9º ano (idades entre 16 e 17 anos) destacou que *“o estudo sempre será fundamental independente da idade”*.

Essas falas evidenciam o reconhecimento, por parte dos estudantes, dos mecanismos de disciplinamento que operam sobre o corpo feminino idoso. Conforme Foucault (1977), a disciplina não apenas reprime, mas fabrica corpos úteis e obedientes. No caso de Dona Jurema, o marido exerce vigilância sobre seus deslocamentos e tenta impedir sua escolarização tardia, revelando como o controle do corpo feminino se intensifica com a idade. No entanto, a decisão final da personagem – romper a relação e continuar estudando – foi interpretada pelos grupos como resistência. Essa leitura se aproxima do conceito de corpo marginal

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

proposto por Medina (1987): o corpo da mulher idosa, quando se recusa a ocupar o lugar doméstico e subalterno que lhe é socialmente reservado, torna-se um corpo insurgente.

Dois grupos argumentaram que apoiariam Dona Jurema caso fosse colega. O Grupo do 9º ano (16 a 17 anos) afirmou que *"apoiaríamos a decisão dela ao querer terminar os estudos"*. O Grupo do 7º ano (61 a 77 anos) disse que *"daríamos todo apoio a todas diante de nossas condições"*. Essas respostas indicam uma solidariedade geracional e de gênero, mas também revelam o caráter contingente do apoio (*"diante de nossas condições"),* sugerindo que a própria precariedade dos estudantes limita sua capacidade de agir.

Uma fala espontânea merece destaque. Uma aluna de 61 anos, ao final da discussão, contou que se identifica com Dona Jurema pois o marido não queria que ela estudasse. Essa narrativa, registrada em diário de campo, exemplifica como a ficção se conecta com a vida concreta das estudantes da EJA. A interseccionalidade (Fonseca, 2024) permite compreender que, nesse caso, idade, gênero, classe e relações conjugais de poder se articulam para produzir uma experiência específica de exclusão – e, também, de resistência, uma vez que a aluna está, de fato, estudando.

4.2 Corpos criminalizados e moralizados: Rita

> *"Eu perdi uma neta com 18 anos, ela deixou um filho com 1 ano e 6 meses, coitada da minha filha que perdeu essa filha. Vai fazer 17 anos, mas é como se ela tivesse morrido hoje"* (Uma aluna de 77 anos)

A personagem Rita gerou as posições mais divergentes entre os grupos, revelando disputas discursivas em torno do aborto, da criminalização, da responsabilidade individual e das condições materiais.

O Grupo do 9º ano (44 a 58 anos) defendeu que Rita *"não mereceria ser presa pois as condições de vida dela, uma mulher sofrida muitas das vezes sozinha. Rita não merece julgamento"*. Esse posicionamento mobiliza um discurso de compreensão social e econômica, deslocando o foco da culpabilização individual para a falta de políticas públicas e de apoio. Trata-se, na perspectiva da ACD (Fairclough, 2001), de um discurso contra-hegemônico, pois confronta a moralidade dominante que criminaliza a mulher pobre que aborta.

O Grupo do 7º ano (61 a 77 anos) manifestou posição ambivalente: *"não concordamos com sua atitude mas entendemos o desespero dela que a levou a cometer o aborto"*. Essa fala explicita a tensão entre a condenação moral do aborto e o reconhecimento das circunstâncias extremas. O mesmo grupo afirmou que *"Rita só queria fazer sua ligadura"*, sugerindo que o problema não era a gestação em si, mas a ausência de acesso a métodos contraceptivos definitivos – uma crítica indireta ao sistema de saúde.

O Grupo do 9º ano (16 a 17 anos) foi o mais explícito na reprodução do discurso jurídico-moral: "*Sim, porque o aborto é crime e se ela não quisesse ter filho*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

ela deveria ter se prevenido porque a criança não pediu pra vir ao mundo". No entanto, ao responder sobre como reagiriam se fossem colegas de Rita, o mesmo grupo afirmou: *"iríamos apoiá-la na escolha dela, porque mesmo que ela tenha cometido um crime de ter abortado a criança não merecia ser presa"*. Há aqui uma contradição: o discurso abstrato (aborto é crime) convive com uma postura concreta de acolhimento e recusa da prisão. Essa ambiguidade, típica de formações discursivas em disputa, mostra como os jovens estudantes oscilam entre valores conservadores internalizados e uma ética de solidariedade.

O Grupo do 7º ano (17 a 61 anos) introduziu uma distinção crucial: *"Sim, porque ela literalmente tirou uma vida por uma escolha dela, sendo que existem muitas formas de se prevenir. Porém, se fosse em um caso de abuso, eu acharia certo, porque a situação é diferente e a pessoa não teve escolha"*. Essa fala, embora ainda condenatória na maior parte dos casos, abre uma exceção para situações de violência sexual. A exceção, no entanto, confirma a regra: o aborto só seria legitimado se a mulher não tivesse agência (o caso de abuso), mas não quando a gravidez resulta de uma suposta "escolha" – desconsiderando que a escolha, para uma jovem pobre, é frequentemente ilusória.

Uma aluna de 77 anos, durante o debate, trouxe uma narrativa de forte impacto emocional: *"Eu perdi uma neta com 18 anos, ela deixou um filho com 1 ano e 6 meses, coitada da minha filha que perdeu essa filha. Vai fazer 17 anos, mas é como se ela tivesse morrido hoje"*. Essa fala, proferida em meio a lágrimas, desloca o debate do plano moral para o plano da experiência vivida. A perda de uma neta por complicações de aborto clandestino não é julgada pela aluna – é lamentada. Aqui, o corpo criminalizado de Rita encontra eco em uma história real, silenciada por décadas, que emerge no espaço de escuta proporcionado pela pesquisa. Fonseca (2024) argumenta que a interseccionalidade permite visibilizar vozes historicamente subalternizadas; essa fala é um exemplo potente de como a pesquisa pode dar espaço a essas vozes.

4.3 Corpos maternos e disputas por visibilidade social: Márcia

> *"Preconceito machista, de um homem que não procura conhecer o direito da mulher amamentar em público"* (Grupo do 9º ano)

A personagem Márcia, que amamenta o filho na escola e sofre preconceito, recebeu apoio unânime dos grupos, embora com nuances importantes. O Grupo do 9º ano (44 a 58 anos) identificou o problema como *"preconceito machista, de um homem que não procura conhecer o direito da mulher amamentar em público"*. O Grupo do 7º ano (61 a 77 anos) afirmou que *"Marcia tem total liberdade e direito de amamentar onde quiser"*. O Grupo do 9º ano (16 a 17 anos) justificou o direito de Márcia porque *"ela não tinha com quem deixar o filho"*, e acrescentou que *"amamentar é algo natural da mulher"*. O Grupo do 7º ano (17 a 61 anos) também apoiou, mas não trouxe elementos adicionais.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

A unanimidade em torno do direito de amamentar em público pode ser interpretada como um avanço discursivo: o aleitamento materno, embora historicamente confinado à esfera privada, é hoje amplamente reconhecido como direito da mulher e da criança. No entanto, a justificativa apresentada pelo grupo mais jovem (*"não tinha com quem deixar o filho")* sugere uma compreensão ainda utilitária do direito: Márcia amamenta porque não tem alternativa, não necessariamente porque tem autonomia sobre seu corpo. O discurso da naturalidade (*"amamentar é algo natural"*) também merece análise: embora afirme o direito, pode reforçar a ideia de que o corpo feminino está destinado à maternidade, em vez de ser um corpo autônomo.

A dimensão do preconceito, mencionada pelo primeiro grupo, remete ao que Foucault (1977) chamaria de disciplinamento dos corpos femininos no espaço público. O peito que amamenta, quando exposto fora do ambiente doméstico, torna-se obsceno – revelando como a norma social regula não apenas o que os corpos fazem, mas onde e para quem o fazem. A escola, como instituição disciplinar, é precisamente um dos locais onde esse controle se exerce. A personagem Márcia, ao amamentar na sala de aula, transgride essa norma e é punida com olhares de objetificação do corpo feminino e comentários misóginos.

Nenhum dos grupos mencionou a figura paterna ou a corresponsabilidade do parceiro nos cuidados com o bebê. Apenas o Grupo do 7º ano (61 a 77 anos) fez uma referência indireta: *"com o preconceito de seu marido ela demorou a entender isso"*. Esse silêncio sobre a divisão sexual do trabalho e sobre a ausência de políticas de apoio à maternidade nas escolas é um não dito que merece destaque. Como aponta Fairclough (2001), os silêncios são tão reveladores quanto os ditos.

4.4 Corpos marginais e experiências de exclusão na EJA

> *"Dona Jurema só queria estudar como nós estamos, Rita só queria fazer sua ligadura, e Marcia queria ter a liberdade de amamentar"* (Grupo do 7º ano)

A quarta categoria atravessa as três narrativas e busca articular as falas dos estudantes com suas próprias experiências de exclusão e resistência, à luz do conceito de corpo marginal (Medina, 1987) e da interseccionalidade (Fonseca, 2024).

Medina (1987) define corpos marginais como aqueles que vivem à margem dos benefícios materiais e simbólicos gerados pelo sistema capitalista: mulheres, idosos, trabalhadores precarizados, jovens periféricos. Os participantes da pesquisa – com idades entre 16 e 77 anos, residentes em Belford Roxo, na Baixada Fluminense – são, em sua maioria, corpos marginais. A EJA, por si só, é um território de marginalidade escolar: são sujeitos que não tiveram acesso à escola na idade considerada "adequada" ou que foram expulsos dela por razões econômicas, sociais ou de gênero.

No Grupo do 9º ano (44 a 58 anos), as três mulheres afirmaram: *"Todas nós como mulheres, que conhecemos os direitos estabelecidos por lei, uniremos forças para apoiar e acompanhar, como muitas passam por situações iguais ou pior, todos*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

os dias em nosso cotidiano". Essa fala evidencia a consciência de pertencimento a um grupo de mulheres marcadas por idade, gênero e classe – e a disposição de agir coletivamente. Trata-se de um discurso de resistência contra-hegemônica.

O Grupo do 7º ano (61 a 77 anos), o mais velho, sintetizou as três histórias de forma comovente: *"Dona Jurema só queria estudar como nós estamos, Rita só queria fazer sua ligadura, e Marcia queria ter a liberdade de amamentar"*. A simplicidade da frase – *"só queria"* – é reveladora: cada personagem desejava algo elementar, um direito básico, mas o contexto social lhes negou. Os estudantes se reconhecem nesses desejos, pois também "só querem" coisas simples: estudar, ter acesso à saúde, ser respeitadas.

A fala da aluna de 61 anos que se identificou com Dona Jurema e a fala da aluna de 77 anos sobre a neta morta por aborto são exemplos do que Fonseca (2024) chama de vozes potentes que emergem das interseções. Essas vozes, quando acolhidas no ambiente escolar, desestabilizam o padrão hegemônico de aluno ideal (jovem, sem filhos, com tempo e recursos para estudar). A pesquisa demonstrou que a exibição do episódio e a discussão em grupo funcionaram como um dispositivo de escuta e de legitimação de experiências normalmente silenciadas, tanto na escola quanto na sociedade.

Do ponto de vista da ACD (Fairclough, 2003), os textos produzidos pelos grupos mobilizam, simultânea e contraditoriamente, discursos emancipatórios (direitos das mulheres, acesso à educação, liberdade de escolha) e discursos conservadores (criminalização do aborto, naturalização da maternidade). Essa coexistência é própria de ordens de discurso em disputa, nas quais os sujeitos não são meros reprodutores de ideologias, mas agentes que negociam sentidos a partir de suas experiências concretas.

A contribuição original desta pesquisa reside em demonstrar que a EJA, quando assume uma postura crítica e dialógica, utilizando produtos culturais como a série "Segunda Chamada", pode se transformar em espaço de problematização de temas tabus, de acolhimento de dores e de construção de solidariedade entre corpos marginais. As estudantes de 61 e 77 anos, ao partilharem suas histórias, não apenas reagiram às personagens, mas inscreveram a si mesmas como sujeitas de direito e de memória.

5. Conclusão

A pesquisa teve como objetivo central compreender os discursos produzidos por estudantes da EJA sobre corpo, gênero, autonomia e violência a partir do quinto episódio da série "Segunda Chamada". Os principais achados revelaram que os discursos dos estudantes oscilam entre a reprodução de valores hegemônicos – como a condenação moral do aborto, a naturalização da maternidade e o confinamento do corpo feminino ao espaço privado – e a emergência de posicionamentos contra-hegemônicos, especialmente quando as experiências pessoais são mobilizadas. Dona Jurema foi majoritariamente apoiada como símbolo de resistência feminina diante do disciplinamento do corpo idoso. Rita, por sua vez, gerou as maiores contradições: ao mesmo tempo em que alguns grupos

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

condenavam o aborto como crime, recusavam a prisão e reconheciam a falta de condições materiais – e uma aluna de 77 anos trouxe à tona a dor real da perda de uma neta por aborto clandestino, deslocando o debate do plano moral para o da experiência vivida. Márcia recebeu apoio unânime, mas as justificativas dos grupos revelaram uma compreensão ainda utilitária e naturalizada da amamentação, silenciando a corresponsabilidade social e paterna.

A quarta categoria, corpos marginais e experiências de exclusão na EJA, evidenciou que as três narrativas ressoam nas trajetórias concretas dos participantes – sujeitos marcados por idade avançada, trabalho precário, escolarização tardia, pobreza e, no caso das mulheres, violência de gênero. A fala de uma aluna de 61 anos que se identificou com Dona Jurema e a fala da aluna de 77 anos sobre a neta morta são exemplos de como o espaço da pesquisa pode funcionar como dispositivo de escuta e legitimação de vozes historicamente silenciadas.

A contribuição original do estudo reside em três frentes. Primeiro, a utilização de um produto da cultura audiovisual como disparador de discussões sobre corpo e gênero na EJA mostrou-se potente para mobilizar afetos, memórias e posicionamentos que dificilmente emergiriam em abordagens meramente expositivas. Segundo, a articulação entre ACD, interseccionalidade e conceitos foucaultianos e medinianos permitiu ir além da descrição das falas, evidenciando as relações de poder, os silêncios e as contradições que as constituem. Terceiro, a pesquisa contribui para o campo da Educação Física e da educação em geral ao demonstrar que a EJA, quando assume uma postura crítica e dialógica, pode se transformar em espaço de problematização de temas tabus, de acolhimento de dores e de construção de solidariedade entre corpos marginais.

Como limitação do estudo, aponta-se o fato de a pesquisa ter sido realizada em uma única escola pública do município de Belford Roxo, com quatro grupos e 14 participantes, o que não permite generalizações. No entanto, os achados indicam tendências e levantam questões que podem ser aprofundadas em futuras investigações. Sugere-se, para pesquisas subsequentes: (a) a ampliação do estudo para outras escolas e regiões, de modo a captar variações regionais e socioeconômicas nos discursos sobre corpo e gênero na EJA; (b) a realização de estudos longitudinais que acompanhem o impacto de práticas pedagógicas baseadas na exibição de produtos audiovisuais na transformação de atitudes e valores dos estudantes; (c) a inclusão de outros marcadores sociais da diferença – como raça, deficiência e orientação sexual – com maior ênfase na análise interseccional; (d) a investigação sobre como os professores de EJA podem ser formados para mediar discussões sobre aborto, violência doméstica e amamentação em público sem reproduzir estigmas ou silenciamentos.

Por fim, os autores alinham-se a uma perspectiva crítica e dialética, que recusa o falso neutralismo das abordagens tecnicistas e a pretensa imparcialidade das políticas curriculares centralizadoras. Inspirados no pessimismo da razão e no otimismo da vontade de Gramsci, defendem que a análise dos discursos sobre o corpo na EJA deve servir não apenas à compreensão acadêmica, mas à transformação social. As trajetórias de Dona Jurema, Rita e Márcia – e as reações dos estudantes a elas – evidenciam tanto a violência estrutural que atinge os corpos marginais quanto as brechas de resistência que podem florescer no ambiente

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

escolar, desde que este se assuma como espaço de escuta, acolhimento e luta contra todas as formas de opressão.

Referências

BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. *Revista* **Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 7, n. 2, p. 62-68, 1986. Disponível em: https://sitealanrocha.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/07/a-crianca-que-pratica-esporte.pdf

BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. *Revista da Fundação de* **Esporte e Turismo**. Maringá, v. 1, n. 2, p. 2-19, 1989. Disponível em: https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/4081

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas, SP: Papirus, 1988

DESCARTES, René. **Discurso do Método** (1637). trad. Enrico Corvisieri. Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia).

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2003.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da. Interseccionalidade e inclusão: um diálogo com os marcadores sociais da diferença. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 46, p. 1-8, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/rbce.46.e20240060

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 2**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo**: Educação e política do corpo. Campinas: Papirus, 1987.

SOARES, Carmem Lúcia; *et al.* (Coletivo de Autores). **Metodologia de Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/06/2026 - **Accepted:** 18/07/2026
Vol: 13.16
DOI: 10.66104/z31h8a30
Pages: 1-15

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; ESCOBAR, Micheli Ortega. O. Cultura corporal e os dualismos necessários a ordem do capital. **Boletim Germinal - on-line**, n. 9 2009. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/germinal/n9-112009.htm#7cultura